

NORA ROBERTS

DIAS DE ESPERANÇA



*Para Kat,  
uma das luzes mais esplendorosas da minha vida.*



*Quão longínquas parecem as estrelas,  
E quão distante o nosso primeiro beijo,  
e, ah, quão velho o meu coração.*

— WILLIAM BUTLER YEATS

*Haverá sangue;  
Dizem que sangue clama por sangue.*

— WILLIAM SHAKESPEARE





*Verão, 1276*

**N**um dia luminoso de final de verão, Brannaugh apanhava ervas, flores e folhas para a preparação de bálsamos, poções e chás. Vizinhos e viajantes procuravam-na na esperança de encontrarem as suas curas. Procuravam-na, a Bruxa das Trevas, como outrora haviam procurado a sua mãe, com dores no corpo, no coração e no espírito, e pagavam com dinheiro, serviços ou trocas.

Ela, o irmão e a irmã haviam construído as suas vidas em Clare, tão longe da sua casa em Mayo. Longe da cabana na floresta onde haviam vivido, onde a mãe havia morrido.

Brannaugh tinha contruído uma vida mais satisfatória e feliz do que julgara possível desde o terrível dia em que a mãe lhes havia dado o que restara do seu poder e os mandara para um lugar seguro enquanto sacrificava a própria vida.

Tanto sofrimento e medo no cumprimento do que lhe havia sido pedido, recordou Brannaugh; quando levara o irmão e a irmã mais nova para longe de casa.

Para trás, haviam deixado o amor, a infância e toda a sua inocência.

Longos anos. Os primeiros passados, como havia ordenado a mãe, com a prima e o marido desta — em segurança, cuidados com afeto. Mas, inevitavelmente, chegara o dia de abandonar o ninho, de abraçarem quem eram e sempre seriam.

Os três da Bruxa das Trevas.

O seu dever e maior propósito? Destruir Cabhan, o feiticeiro negro, assassino do seu pai — Daithi, o bravo — e da sua mãe, Sorcha. Cabhan, que conseguira, de alguma maneira, sobreviver ao feitiço que Sorcha lhe lançara antes de morrer.

Mas num dia tão luminoso de final de verão, parecia tudo muito distante — os terrores do último inverno, o sangue e a morte da última primavera.

Ali, no lar que ela construía, o ar cheirava ao rosmaninho que estava na sua cesta e às rosas plantadas pelo marido aquando do nascimento do primeiro filho. As nuvens pareciam cordeiros brancos dispersos no prado azul que era o céu, e a floresta e os pequenos campos que haviam desbravado estavam verdes como esmeraldas.

O seu filho, que não havia completado ainda três anos, estava sentado ao sol a batucar num pequeno tambor que o pai havia construído para ele. O menino cantava, assobiava e batucava com tão alegre inocência que os olhos de Brannaugh ardiam de amor.

A sua filha, com pouco mais de um ano de idade, dormia agarrada à boneca de trapos preferida, sempre guardada por *Kathel*, o seu cão fiel.

E Brannaugh tinha mais um filho a mexer-se e a pontapear dentro do seu ventre.

De onde se encontrava, ela conseguia ver a clareira e a pequena cabana que, juntamente com Eamon e Teagan,

construíra quase oito anos antes. Crianças, pensou ela. Não haviam passado de crianças a quem fora roubada a infância.

Os irmãos ainda viviam perto de si. Eamon, o leal, tão forte e honesto. Teagan, tão bondosa e justa. Tão felizes agora, pensou Brannaugh, e Teagan tão apaixonada pelo homem com quem se casara na primavera.

Tudo tão tranquilo, apesar da batucada e dos assobios de Brin, pensou ela. A cabana, as árvores, as colinas verdejantes com os seus grupos de ovelhas, a horta, o luminoso céu azul.

E tudo aquilo teria de acabar. Teria de acabar em breve.

Estava a chegar a hora — ela sentia-o com a mesma certeza com que sentia os pontapés do bebé no ventre. Os dias luminosos dariam lugar aos sombrios. A paz terminaria em sangue e batalha.

Tocou no amuleto com o símbolo do cão. A proteção que a mãe havia conjurado com magia de sangue. Em breve, pensou ela; muito em breve necessitaria novamente dessa proteção.

Pressionou com uma mão a região lombar, que estava um pouco dorida, e viu o marido que se aproximava de casa a cavalo.

Eoghan... tão belo, tão seu. Olhos tão verdes como as colinas, os cabelos negros como um corvo, tombando em caracóis até aos ombros. Montava apumada e tranquilamente a robusta égua castanha, enquanto entoava em voz alta — como lhe era hábito — uma canção.

Pelos deuses, ele fazia-a sorrir... fazia o seu coração elevar-se como um pássaro em voo. Ela, que estivera tão certa de que não haveria lugar para amor na sua vida, nem família para além da de sangue, nem vida para além do seu desígnio, apaixonara-se perdidamente por Eoghan de Clare.

Brin levantou-se de um salto e começou a correr o mais



rápido que as suas pequenas pernas lhe permitiam, gritando sem parar: — Papá, papá, papá!

Eoghan debruçou-se e puxou o menino para cima da sela. O som do riso misturado do homem e do menino chegou aos ouvidos de Brannaugh e os seus olhos voltaram a encher-se de lágrimas. Nesse momento, ela teria dado todo o seu poder, até à última gota, para os poupar do que lhes estava destinado.

A bebé, a quem ela dera o nome da mãe, começou a choramingar e *Kathel* mexeu os seus velhos ossos para soltar um fraco latido.

— Estou a ouvi-la. — Brannaugh pousou a cesta para segurar a filha nos braços e aconchegou-a com beijos no momento em que Eoghan chegava junto a elas.

— Olha quem eu encontrei na estrada. Um ciganito perdido.

— Bem, acho que devíamos ficar com ele. Depois de lhe darmos um bom banho, talvez consigamos vendê-lo no mercado.

— Pode render-nos um bom dinheiro. — Eoghan beijou o topo da cabeça do filho, que soltava risadinhas. — Vamos descer, rapaz.

— Vamos passear, papá! — Brin virou a cabeça, uma expressão suplicante nos seus grandes olhos escuros. — Por favor! Vamos passear!

— Um passeio rápido, depois quero o meu chá. — Piscou o olho a Brannaugh antes de partir a galope, fazendo o menino gritar de felicidade.

Brannaugh pegou na sua cesta e apoiou a pequena Sorcha na anca. — Vem, velho amigo — disse ela a *Kathel*. — Está na hora do teu tónico.

Deslocou-se para a bonita casinha que Eoghan, com as

suas mãos hábeis e costas fortes, havia construído. No interior, agitou o fogo, deitou a filha e começou a preparar o chá.

Enquanto acariciava *Kathel*, banhou-o no tónico que havia preparado por artes mágicas para o manter saudável e perspicaz. O seu guia, o seu coração, pensou; podia estender-lhe a vida mais alguns anos. E saberia quando chegasse a hora de o deixar partir.

Mas não ainda; não, não ainda.

Colocou bolinhos de mel e geleia em cima da mesa e tinha o chá pronto quando Eoghan e Brin entraram de mãos dadas.

— Bem, que maravilha!

Eoghan esfregou a cabeça de Brin e dobrou-se para beijar longamente Brannaugh, como sempre fazia.

— Chegaste cedo — disse ela, e logo o seu atento olhar de mãe apanhou o filho a pegar num bolo. — Lava primeiro essas mãos, meu menino, e depois senta-te como um cavalheiro para tomares o chá.

— Não estão sujas, mamã. — O menino estendeu as mãos.

Brannaugh limitou-se a levantar o sobrolho. — Lavar as mãos. Os dois.

— Não vale a pena discutir com as mulheres — disse Eoghan a Brin. — É uma lição que aprenderás. Concluí o alpendre para a viúva O'Brian. Não há dúvida de que o filho dela é um verdadeiro inútil e preferiu distrair-se com as suas coisas. O trabalho foi mais rápido sem ele.

Eoghan falou do trabalho que fizera enquanto ajudava o filho a secar as mãos, e falou de trabalhos futuros enquanto pegava na filha ao colo e a fazia gritar de alegria.

— És a alegria desta casa — murmurou Brannaugh. — És a luz desta casa.

Ele fitou-a em silêncio e pousou novamente a bebé. — E

tu és o seu coração. Senta-te e descansa um bocado os pés. Bebe o teu chá.

Eoghan aguardou. Oh, ela sabia que ele era o mais paciente dos homens. Ou o mais teimoso, pois frequentemente uma coisa era sinónima da outra, pelo menos em pessoas como o seu Eoghan.

Depois de concluídas as tarefas domésticas, do jantar feito e das crianças deitadas, ele segurou-lhe na mão.

— Queres dar um passeio comigo, pois está uma bela noite, adorada Brannaugh?

Quantas vezes lhe dissera ele aquelas palavras, enquanto a cortejava, e ela tentara enxotá-lo como um mosquito?

Brannaugh limitou-se a pegar no seu xaile — um favorito que Teagan lhe fizera — e colocou-o sobre os ombros. Olhou para *Kathel*, que estava deitado junto à lareira.

*Toma conta dos meus bebés*, disse-lhe, e deixou Eoghan puxá-la para a noite fria e húmida.

— Vai chover — disse ela. — Antes da alvorada.

— Então estamos com sorte por termos a noite, não é verdade? — disse ele. Pousou uma mão sobre a barriga dela. — Está tudo bem?

— Sim. Ele é um rapazinho muito ativo, não para. Muito parecido com o pai.

— Temos uma vida desafogada, Brannaugh. Podíamos pagar alguma ajuda.

Ela olhou para ele de esguelha. — Tens alguma queixa acerca do estado da casa, das crianças, da comida na mesa?

— Não, nenhuma. Mas vi a minha mãe trabalhar até não ter mais forças. — Enquanto falava, ele massajava-lhe a região lombar, como se tivesse conhecimento da dor incómoda que ela sentia. — Não permitirei que aconteça o mesmo contigo, *aghra*.

— Estou bem, garanto-te.

— Porque estás triste?

— Não estou triste. — Uma mentira, constatou Brannaugh. E ela nunca lhe mentia. — Talvez um pouco. Como deves saber, a gravidez deixa a mulher um tanto sensível de vez em quando. Não chorei eu desalmadamente quando estava grávida do Brin e tu chegaste a casa com o berço que tinhas construído? Chorei como se o mundo fosse acabar.

— De alegria. Isto não é alegria.

— É alegria. Ainda hoje eu estava aqui a olhar para os nossos filhos, a sentir o bebé mexer-se, a pensar em ti e na vida que temos. Que felicidade, Eoghan. Quantas vezes te disse não, quando me pediste que fosse tua?

— Uma vez já foi muito.

Ela riu-se, embora as lágrimas teimassem em sufocar-lhe a garganta. — Mas tu voltaste a pedir. E cortejaste-me com músicas e histórias, com flores do campo. Ainda assim, eu disse-te que não seria de homem nenhum.

— A não ser eu.

— A não seres tu. — Brannaugh inspirou o ar da noite, o aroma dos jardins, da floresta, das colinas. Inspirou o que se tornara sua casa, sabendo que a deixaria pela casa da sua infância e por destino. — Tu sabias o que eu era, o que sou. E, ainda assim, quiseste-me; não o meu poder, mas a mim. — Ter essa certeza era tudo para ela e abrira o coração que ela havia decidido manter trancado. — E quando eu não consegui mais evitar amar-te, disse-te tudo o que havia para dizer sobre o assunto e rejeitei-te outra vez. E tu voltaste a pedir. Recordas-te do que me disseste?

— Vou voltar a dizer-to. — Virou-se para ela e segurou-lhe nas mãos, como havia feito naquele dia, anos antes. — És minha e eu sou teu. Aceitarei tudo o que és. Dar-te-ei

tudo o que sou. Estarei ao teu lado, Brannaugh, Bruxa das Trevas de Mayo, no fogo e no dilúvio, na alegria e na tristeza, no conflito e na paz. Olha para dentro do meu coração, pois tens esse poder. Olha para dentro de mim e conhece o amor.

— E foi o que fiz. E faço. Eoghan. — Aninhou-se nos braços dele. — Tenho essa felicidade.

Mas chorou.

Ele acariciou-a, acalmou-a, e depois afastou-a para lhe ver o rosto sob o pálido luar. — Temos de regressar. Temos de regressar a Mayo.

— Em breve. Em breve. Desculpa...

— Não. — Eoghan encostou os lábios aos dela, calando-a. — Não tens de pedir desculpa. Não ouviste as minhas palavras?

— Como podia eu saber? Quando as proferiste, quando eu as senti conquistarem-me o coração, como podia saber que me sentiria assim? Desejava, com todo o meu ser, poder ficar. Ficar aqui contigo e deixar tudo o resto para trás, bem longe. E não posso. Não nos posso dar isso. Eoghan, os nossos filhos...

— Nada lhes tocará. — Pousou novamente uma mão na barriga dela. — Nada, nem ninguém. Juro.

— Tens de mo jurar, pois, quando chegar a hora, terei de os deixar para enfrentar Cabhan com o meu irmão e a minha irmã.

— E comigo. — Agarrou-a pelos ombros com os olhos acesos de fúria. — O que tu enfrentares, eu enfrentarei ao teu lado.

— Tens de jurar. — Brannaugh deslizou suavemente as mãos dele de volta à sua barriga, onde o filho de ambos pontapeava. — Os nossos filhos, Eoghan; tens de jurar que os protegerás acima de tudo. Tu e o marido de Teagan têm de os proteger de Cabhan. Eu nunca conseguirei fazer o que tenho

de fazer se não souber que o pai e o tio deles os guardam e os protegem. Como me amas, Eoghan, jura-mo.

— Eu daria a minha vida por ti. — Encostou a testa à dela e ela sentiu a sua luta; homem, marido, pai. — Juro-te que daria também a minha vida pelos nossos filhos. Juro que os protegerei.

— Sou abençoada por te ter. — Brannaugh deslizou as mãos dele da barriga aos lábios. — Abençoada. Não me pedirás para ficar?

— Tudo o que és... — recordou-lhe ele. — Fizeste um juramento e esse juramento também é meu. Estou contigo, *mo chroi*.

— És a minha luz. — Soltando um suspiro, ela pousou a cabeça no ombro dele. — A luz que brilha nos nossos filhos.

Ela usaria tudo o que era para proteger essa luz, tudo o que dela vinha e, por fim, finalmente, vencer a escuridão.

**E**la esperou, desfrutando ao máximo cada dia. Quando os filhos descansavam, e quando o que carregava no seu ventre insistia para que também ela descansasse, Brannaugh sentava-se à lareira com o livro de feitiços da mãe. Enquanto o estudava, acrescentava os seus próprios feitiços, as suas palavras e pensamentos. Era algo que deixaria aos filhos, junto com o amuleto; que passaria aos filhos e ao seu descendente que nasceria com o propósito da Bruxa das Trevas, caso ela, Eamon e Teagan falhassem.

A mãe havia jurado que eles — ou outros do seu sangue — destruiriam Cabhan. Ela havia visto, com os próprios olhos, um do seu sangue, de uma outra época, e falara com ele. E sonhara com outro, uma mulher com o seu nome, que tinha o amuleto que ela usava naquele momento e que, tal como ela, era um dos três.

Os três de Sorcha teriam filhos, que por sua vez teriam também os seus. Por isso o legado teria continuidade, bem como o propósito até o destino se cumprir. Ela não podia, não iria fugir ao seu destino.

Ela não podia, não iria fugir à inquietação que sentia, agora que o verão se aproximava do fim.

Mas tinha de cuidar dos filhos, da casa, tinha animais para alimentar e tratar, colheitas para fazer, a pequena cabra para ordenhar. Vizinhos e viajantes para curar e ajudar.

E magia, magia luminosa, para preservar.

Então, enquanto os filhos dormiam — e como Brin trava-  
ra uma batalha heroica contra o sono! —, Brannaugh saiu de casa para apanhar um pouco de ar.

E viu a irmã, de cabelos claros presos numa longa trança ao longo das costas, a subir o caminho de acesso à casa com uma cesta na mão.

— Deves ter-me ouvido desejar a tua companhia, pois estou ansiosa por ter uma conversa com alguém com mais de dois anos de idade.

— Trouxe pão escuro, pois fiz mais do que precisava. E também queria a tua companhia.

— Então vamos comer, pois eu sinto fome a toda a hora. — Brannaugh riu-se e abriu os braços para a irmã.

Teagan, tão bonita com os cabelos cor do Sol e os olhos azuis como as campainhas que a mãe tanto estimara.

Brannaugh apertou-a contra si... e afastou-a de imediato.

— Estás grávida!

— E tu não podias ter-me deixado dar-te a notícia? — De rosto luminoso e sorriso radiante, Teagan abraçou-se novamente à irmã. — Só tive a certeza esta manhã. Acordei e tive a certeza de que havia vida dentro de mim. Ainda não disse nada a Gealbhan, pois precisava de te contar primeiro,

também para ter a certeza absoluta. Agora tenho. Estou a tagarelar e não consigo parar.

— Teagan. — Os olhos de Brannaugh encheram-se de lágrimas enquanto ela beijava as faces da irmã e recordava a menina que chorara naquela manhã escura, tantos anos antes. — Abençoada sejas, *deirfiúr bheag*. Entra. Vou preparar-te um chá; algo bom para ti e para a vida que carregas.

— Quero dar a novidade a Gealbhan — disse Teagan enquanto entrava com Brannaugh e tirava o seu xaile. — Junto ao pequeno riacho onde ele me beijou pela primeira vez. E quero dizer a Eamon que vai ser tio novamente. Quero música e vozes felizes. Tu e Eoghan podem levar as crianças lá esta noite?

— Claro que sim. Teremos música e vozes felizes.

— Tenho saudades da mamã. Oh, é tolice, mas queria dizer-lhe. Queria dizer ao papá. Tenho uma vida dentro de mim, um descendente deles. Aconteceu o mesmo contigo?

— Sim, todas as vezes. Quando fiquei grávida de Brin, e depois da minha Sorcha, vi-a por um instante, apenas por um breve instante. Senti-a, e senti também o papá. Senti a presença dos dois quando os meus bebés soltaram o primeiro choro... Senti-me feliz, Teagan, e triste ao mesmo tempo. E depois...

— Diz-me.

Com os seus olhos cinzentos repletos dessa alegria, e dessa tristeza, Brannaugh cruzou as mãos sobre a criança no seu ventre. — O amor é tão intenso, tão pleno. A vida que carregamos, não no ventre, mas nos braços... É um amor que nos avassala. Pensamos que sabemos como será, mas quando o sentimos, percebemos que aquilo que pensávamos não chega aos pés do que é na realidade. Agora sei o que ela sentia por nós. O que ela e o papá sentiam por nós. Também tu saberás.



— É possível ser maior que isto? — Teagan pousou a mão sobre a barriga. — Já me parece tão grande.

— É. Será. — Brannaugh contemplou as árvores, a horta desregrada. E o seu olhar turvou. — Este filho que carregas não será o escolhido, embora seja forte e poderoso. Nem será o filho que tiveres depois dele. A filha, a terceira... será ela a eleita. Será ela a tua dos três. Branca como tu, bondosa, sagaz. Dar-lhe-ás o nome de Ciara. Um dia, ela usará o amuleto que a nossa mãe fez para ti. — Subitamente zonha, Brannaugh sentou-se. Teagan acorreu em seu auxílio. — Estou bem; estou ótima. Isto foi tão rápido que eu nem tive tempo de me preparar. Ultimamente tenho andado um pouco mais lenta. — Deu umas pancadinhas na mão de Teagan.

— Eu nunca vi o futuro. Nunca me ocorreu.

— Porque haveria de ocorrer? Tens o direito de seres simplesmente feliz. A minha intenção não era estragar isso.

— Não estragaste. Como podias estragar alguma coisa dizendo-me que terei um filho, e depois outro e também uma filha? Não, deixa-te ficar sentada. Eu acabo o chá.

Ambas olharam para a porta quando esta se abriu.

— Eamon tem certamente faro para o pão fresco — disse Teagan quando o irmão entrou, de cabelos castanhos desgrenhados, como sempre, em torno de um rosto extremamente bonito.

Sorrindo, farejou o ar como um cão de caça. — Tenho faro, sem dúvida, mas não precisei dele para vir até cá. Este lugar tem luz suficiente para iluminar a Lua. Se iam fazer um feitiço tão luminoso, podiam ter-me avisado.

— Não estávamos a fazer magia. Estávamos apenas a conversar. Esta noite vamos fazer uma pequena *céili* lá em casa. E podes ficar a fazer companhia à Brannaugh quando eu me

for embora, para eu ter tempo de contar a Gealbhan que vai ser pai.

— E aqui está o pão fresco. Posso... Vai ser pai? — Os intensos olhos azuis de Eamon encheram-se de alegria. — Que notícia feliz! — Levantou Teagan do chão e fê-la girar uma vez, repetindo quando ela se riu. Sentou-a numa cadeira, deu-lhe um beijo e sorriu para Brannaugh. — Eu fazia o mesmo contigo, mas provavelmente partia a coluna, pois estás grande como uma montanha.

— Nem penses que vais pôr a minha geleia nesse pão.

— Uma bela montanha. Uma montanha que já me deu um sobrinho lindo e uma sobrinha encantadora.

— Assim pode ser que te deixe provar um bocadinho.

— Gealbhan ficará feliz da vida. — Delicadamente, como sempre tratava Teagan, Eamon fez-lhe uma festa no rosto. — Então, estás bem, Teagan?

— Sinto-me maravilhosa. Provavelmente cozinharei um banquete, coisa que muito te agrada, não é?

— Sim, claro que sim!

— E tu precisas de encontrar a mulher certa para ti, — acrescentou Teagan, — pois darias um ótimo pai.

— Contento-me com vocês as duas a providenciarem as crianças para eu poder ser o tio feliz.

— Ela tem cabelos cor de fogo, olhos como o mar tempestuoso e um poder cintilante. — Brannaugh recostou-se na cadeira, esfregando a sua barriga com uma mão. — Ultimamente as visões surgem-me em vagas. Penso que algumas se devem a ele... ele é impaciente. — Brannaugh sorriu. — É bom ver a mulher que te aceitará, Eamon. Não apenas para diversão, mas para a vida.

— Não quero mulher nenhuma. Quero dizer, nenhuma em particular.

Teagan estendeu uma mão para a pousar sobre a do irmão. — Tu pensas, sempre pensaste, que não terás mulher, que não te casarás, pois tens irmãs para proteger. Estás enganado e sempre estiveste. Nós somos três, Eamon, e nós as duas somos tão capazes como tu. Quando amares, não conseguirás fazer nada para o evitar.

— Não discutas com uma mulher grávida, especialmente se ela for bruxa — disse Brannaugh com humor. — Eu nunca procurei o amor, mas ele encontrou-me. Teagan esperava-o e ele foi ao seu encontro. Tu podes fugir dele, *mo dearthair*... mas ele vai encontrar-te.

»Quando voltarmos para casa. — Os seus olhos tornaram a encher-se de lágrimas. — Ah, maldição, agora parece que choro só de respirar. Tens de te preparar para isto, Teagan. Temos muitas oscilações de humor.

— Tu também sentiste. — Eamon pousou uma mão na de Brannaugh e ficaram os três de mãos dadas. — Vamos voltar para casa e em breve.

— Na próxima lua. Temos de partir na próxima lua cheia.

— Eu tinha esperança de que pudesse esperar — murmurou Teagan. — Que pudesse esperar até tu dares à luz, embora soubesse, na minha cabeça e no meu coração, que isso não aconteceria.

— Eu darei à luz este filho em Mayo. Esta criança nascerá em casa. E contudo... também esta é a nossa casa. Não para ti — disse ela a Eamon. — Tu aguardaste, ficaste aqui, mas o teu coração, a tua mente e o teu espírito nunca saíram de lá.

— Disseram-nos que regressaríamos a casa. Por isso aguarda. Os três... os três que descendem de nós também aguardam. — Eamon passou os dedos pela pedra azul que usava pendurada ao pescoço. — Voltaremos a vê-los.

— Eu sonho com eles — disse Brannaugh. — Com a que

tem o meu nome e com os outros dois também. Eles lutaram e fracassaram.

— Voltarão a lutar — disse Teagan.

— Fizeram-no sofrer. — Os olhos de Eamon acenderam-se com uma luz feroz. — Ele sangrou, tal como sangrou quando a mulher de nome Meara, a que veio com Connor dos três, o atacou com a sua espada.

— Ele sangrou — concordou Brannaugh. — E sarou. Está a recuperar forças. Ele suga poder da escuridão. Não consigo ver onde, nem como; apenas sentir. Não consigo ver se mudaremos o que está para vir, se conseguiremos realmente acabar com ele. Mas vejo-os e sei que, se não conseguirmos, eles lutarão outra vez.

— Então regressemos a casa e descubramos o caminho. E os que descendem de nós não lutarão sozinhos.

Brannaugh pensou nos filhos, que dormiam no piso superior. Em segurança, ainda inocentes. E nos filhos dos seus netos, noutra época, em Mayo. Esses não estavam em segurança e haviam já perdido a inocência.

— Encontraremos o caminho. Regressaremos a casa. Mas, esta noite, celebraremos. Teremos música. E nós os três daremos graças a todos os nossos antepassados pela luz, pelas vidas — disse ela, pousando levemente uma mão na barriga da irmã e outra na sua.

— E amanhã. — Eamon levantou-se. — Daremos início ao fim daquele que ceifou as vidas da nossa mãe e do nosso pai.

— Ficas aqui com Brannaugh? Gostava de ir falar com Gealbhan agora.

— Hoje dá-lhe apenas a boa nova. — Brannaugh levantou-se com a irmã. — Amanhã logo saberá do resto. Aproveita este dia apenas para festejar, porque o tempo é muito curto.

— Fá-lo-ei. — Teagan beijou a irmã e o irmão. — Eoghan tem de levar a harpa.

— Eu certifico-me disso. A música encherá a floresta e voará além das colinas. — Voltou a sentar-se depois de Teagan sair e Eamon alcançou-lhe a chávena de chá. — Bebe. Estás pálida.

— Estou um pouco cansada. Eoghan sabe. Falei com ele, e ele está pronto para partir... e deixar tudo o que construiu aqui. Nunca pensei que fosse difícil regressar. Nunca imaginei que pudesse sentir-me tão dividida.

— Os irmãos de Gealbhan cuidarão desta terra, por ti e por Teagan.

— Sim, e é um consolo. Não para ti; esta terra nunca foi tua — disse ela, de novo com um misto de alegria e tristeza. — Ficarás em Mayo, aconteça o que acontecer. Não consigo ver o que faremos, Eoghan, eu e as crianças. Mas Teagan voltará para cá; isso consigo ver claramente. Este é agora o seu lugar.

— Pois é — concordou ele. — Ela será para sempre uma bruxa das trevas de Mayo, mas a sua casa e o seu coração pertencem a Clare.

— Como será para nós, Eamon, não estarmos juntos como estivemos toda a vida?

Os olhos dele, do mesmo azul intenso dos do pai, fitaram profundamente os dela. — A distância física não tem qualquer significado. Sempre estaremos juntos.

— Ando lamechas e sensível, e não gosto nada disto. Espero que este estado de espírito passe rapidamente ou serei capaz de me amaldiçoar.

— Bem, perto do final da gravidez de Sorcha, eras dada a ataques de mau génio e a praguejamentos. Acho que prefiro a choradeira.

— Eu não, isso é certo. — Brannaugh bebeu o chá,

sabendo que a acalmaria. — Farei um pouco mais do tónico que dou a *Kathel* e a *Alastar*, para a viagem. *Roibeard* ainda não precisa; é forte.

— Está neste momento a caçar — disse Eamon, referindo-se ao seu falcão. — Cada vez se afasta mais. Agora voa para norte; todos os dias para norte. Ele sabe, tal como nós, que em breve viajaremos.

— Avisaremos da nossa chegada. Seremos bem-vindos no Castelo de Ashford. Os filhos de Sorchá e Daithi. As Bruxas das Trevas serão bem recebidas.

— Tratarei disso. — Eamon recostou-se com o seu chá e sorriu para a irmã. — Cabelos cor de fogo, é?

Como fora intenção dele, ela riu-se. — Oh, e garanto-te que ficarás pasmo e meio cego quando a conheceres.

— Eu, não, minha querida. Eu, não.





**P**ara as crianças, era uma aventura. A ideia de uma longa viagem para um lugar novo, ainda por cima com um castelo, deixou Brin ansioso pela partida.

Enquanto arrumava as coisas de que iriam precisar, Brannaugh recordou de novo aquela remota manhã, em que arrumara obedientemente tudo o que a mãe lhe ordenara. De um modo tão urgente, pensou ela, tão definitivo. E recordou aquele último olhar em direção à mãe, queimando com o poder que lhe restava, à porta da cabana na floresta.

Agora ela arrumava as coisas para regressar; um dever, um destino que sempre havia aceitado, que havia desejado com avidez até ao nascimento do seu primeiro filho, até àquele amor avassalador pelo menino que naquele preciso momento corria por ali, quase febril de tanta excitação.

Mas Brannaugh tinha ainda uma tarefa por realizar ali.

Reuniu tudo o que iria precisar: taça, vela, livro, as ervas e as pedras. E, olhando para o seu menino, sentiu simultaneamente orgulho e pesar.



— Chegou a hora dele, para isto — disse ela a Eoghan.

Entendendo, ele beijou-a na testa. — Vou levar Sorcha para cima. Já devia estar deitada.

Anuindo com a cabeça, Brannaugh virou-se para Brin e chamou-o.

— Não estou cansado. Porque não vamos já e dormimos debaixo das estrelas?

— Partimos ao amanhecer, mas primeiro há umas coisas que temos de fazer, tu e eu. — Sentou-se e abriu os braços. — Primeiro, vem sentar-te aqui. Meu menino — murmurou ela quando ele subiu para o seu colo. — Meu coração. Tu sabes o que eu sou.

— Mamã — disse ele, aninhando-se nela.

— Sim, mas sabes, porque eu nunca to escondi, o que sou para além disso. Bruxa das trevas, guardiã da magia, filha de Sorcha e de Daithi. É este o meu sangue. E é também o teu. Vês a vela?

— Tu fizeste a vela. Tu fazes as velas e os bolos, e o papá monta a cavalo.

— Ai é? — Ela riu-se e decidiu que o deixaria viver com essa ilusão durante mais algum tempo. — Bem, é realmente verdade que fui eu que fiz a vela. Estás a ver o pavio, Brin? O pavio está frio e sem luz. Olha para a vela, Brin; olha para o pavio. Vê a luz e a chama, a pequena chama, sente o calor que se transformará em luz. Tu tens essa luz e essa chama dentro de ti. Olha para o pavio, Brin.

Brannaugh sussurrou-lhe repetidamente aquelas palavras e sentiu a energia do menino começar a aumentar, os pensamentos começarem a unir-se aos seus.

— A luz é poder. O poder é luz. Em ti, de ti, através de ti. O teu sangue, o meu sangue, o nosso sangue, a tua luz, a minha luz, a nossa luz. Sente o que vive em ti, o que aguarda

em ti. Olha para o pavio, que espera a tua luz, o teu poder. Liberta-o. Deixa-o elevar-se lentamente dentro de ti, suave e puro. Procura-o, pois a ti pertence. Abraça-o, liberta-o. Traz a luz.

O pavio faiscou e apagou-se. Tornou a faiscar e ardeu com fulgor.

Brannaugh beijou o alto da cabeça do filho. Pronto, pensou ela. O primeiro feitiço estava feito. E o seu menino nunca mais seria simplesmente uma criança.

Alegria e tristeza, para sempre entrelaçadas.

— Muito bem!

Brin ergueu o rosto e sorriu para a mãe. — Posso fazer outra vez?

— Sim — disse ela, beijando-o novamente. — Mas agora presta atenção, muita atenção, pois há mais para aprender, para saber. E a primeira coisa que precisas de saber, que deves ter sempre presente e que tens de jurar, é nunca magoar ninguém com o que és, com o que tens. É o teu dom, Brin, e ele não fará mal a ninguém. Jura-me isto e jura-o a ti mesmo, por todos os que viveram antes de nós e pelos que ainda virão. — Brannaugh ergueu a adaga cerimonial e usou-a na palma da mão. — Aqui fazemos um pacto de sangue. De mãe para filho, de filho para mãe. Entre bruxas.

De olhar solene, Brin estendeu a mão em direção à mãe e piscou os olhos quando sentiu a dor aguda do corte.

— Não fará mal a ninguém — disse ele quando ela lhe pegou na mão e misturou os sangues.

— Não fará mal a ninguém — repetiu ela. De seguida abraçou-o, beijou-lhe o pequeno golpe e curou-o. — Bem, agora podes acender outra vela. E depois, juntos, faremos amuletos de proteção para ti, para a tua irmã e para o teu pai.

— E tu, mamã?

Brannaugh tocou no seu pingente. — Eu tenho o que preciso.

Envolta pela neblina matinal, ela subiu para a carroça e aconchegou a filha ao seu lado. Olhou para o filho, tão corado de entusiasmo, sentado na sela, à frente do pai. Olhou para a irmã, bela e serena no lombo de *Alastar*; o irmão, com a espada do avô ao lado, alto e aprumado em cima do cavalo a que chamava *Mithra*. E Gealbhan, a aguardar calmamente na bonita égua que *Alastar* havia coberto três verões antes.

Fez estalidos com a língua para o velho cavalo de trabalho de Gealbhan e, com um grito entusiástico de Brin, puseram-se em marcha. Brannaugh olhou para trás uma vez, apenas uma vez, para a casa que aprendera a amar, e perguntou-se se voltaria a vê-la.

Depois olhou para a frente.

Tal como acontecia com os harpistas, uma curandeira era bem-vinda em qualquer lugar. Embora o bebé que carregava no ventre estivesse quase sempre irrequieto, ela e a família encontraram abrigo e hospitalidade ao longo do difícil caminho.

Eoghan tocava música; ela, ou Teagan, ou Eamon ofereciam unguentos e poções aos enfermos e aos feridos. Gealbhan oferecia as costas fortes e as mãos calejadas.

Numa bela noite dormiram sob as estrelas, como Brin tanto desejava, e ela sentiu conforto em saber que o cão, o falcão e o cavalo guardavam o que lhe pertencia.

Não encontraram dificuldades pelo caminho, mas Brannaugh sabia que já se havia espalhado a palavra de que as Bruxas das Trevas, os três, percorriam Clare em direção a Galway.

— A palavra também chegará aos ouvidos de Cabhan

— disse Eamon quando pararam para dar descanso aos cavalos e deixar as crianças brincarem livremente durante algum tempo.

Ela sentou-se entre ele e Teagan, enquanto Gealbhan e Eoghan davam água aos cavalos e Eamon lançava um fio de pesca à água.

— Estamos mais fortes que antes — recordou-lhe Teagan.  
— Quando viajámos para sul, éramos crianças. Regressamos ao Norte já adultos.

— Ele está preocupado. — Brannaugh acariciou a barriga. — Pois tu e eu carregamos mais do que antes.

— Não duvido do vosso poder nem da vossa vontade.

— Mas estás preocupado.

— Pergunto-me se terá de ser agora, — admitiu Eamon, — mesmo sabendo que tem de ser agora. Sinto-o, como vocês as duas sentem, mas seria mais fácil se houvesse tempo para terem os vossos filhos com tranquilidade antes de enfrentarmos o que teremos de enfrentar.

— O que tem de ser, será; mas é verdade que estou feliz por interrompermos a nossa viagem para passarmos um ou dois dias com os nossos primos. Por todos os deuses, será um alívio ter uns dias de descanso fora daquela maldita carruagem!

— Eu sonho com os bolinhos de mel de Ailish, pois ninguém os faz melhor que ela.

— Ele sonha com o estômago — disse Teagan.

— Uma pessoa precisa de comer. Ah! — Puxou a linha de pesca e o peixe que mordera o isco. — E assim faremos.

— Vai ser preciso mais do que um — disse Brannaugh, lembrando a todos as palavras que a mãe havia dito, um feliz dia, no rio perto de casa.

Deixaram a região acidentada de Clare, empurrados por

ventos fortes e chuvadas súbitas. Percorreram as colinas verdejantes de Galway, passando por campos repletos de ovelhas e por casas onde o fumo saía em nuvens pelas chaminés. *Roibeard* voava adiante, sob e entre camadas de nuvens que transformavam o céu num mar cinzento suave.

As crianças dormitavam na carroça, aconchegadas no meio da bagagem, e *Kathel* estava sentado ao lado de Brannaugh, sempre alerta.

— Há mais casas do que eu me recordava. — Teagan viajava ao lado da irmã, no incansável *Alastar*.

— Os anos passam.

— Esta é uma boa terra... Estou certa de que Gealbhan pensa o mesmo.

— Gostavas de te fixar aqui? Este lugar atrai-te?

— Sim... Bem como a nossa casinha na floresta em Clare. Contudo, quanto mais nos aproximamos de nossa casa, mais anseio por chegar lá. Tivemos todos de esquecer durante tanto tempo, mas agora... Sentes o mesmo, Brannaugh? Sentes este apelo?

— Sim.

— Tens medo?

— Sim. Medo do que aí vem, mas mais de falhar.

— Não falharemos. — Teagan abanou a cabeça em resposta ao olhar penetrante da irmã. — Não, não tive qualquer visão; apenas uma certeza. Uma certeza que se torna mais forte à medida que nos aproximamos de casa. Não falharemos, pois a luz vencerá sempre a escuridão, nem que leve mil anos.

— Pareces mesmo ela — murmurou Brannaugh. — Pareces a nossa mãe a falar.

— Ela está em todos nós, por isso não falharemos. Oh, olha, Brannaugh! Aquela árvore ali com os ramos retorcidos. Era a que Eamon dizia que ganhava vida a cada lua cheia,

para assustar a nossa prima Mabh. Estamos perto da quinta de Ailish. Estamos quase a chegar.

— Vai, segue à nossa frente.

Com o rosto iluminado como o de uma criança, Teagan deitou a cabeça para trás e riu-se. — Vou mesmo. — Aproximou-se do marido, soltou de novo uma gargalhada e partiu a galope.

Ao lado de Brannaugh, *Kathel* ganiu e tremeu. — Vai lá. — Brannaugh fez-lhe uma festa.

O cão saltou da carroça e correu atrás do cavalo com o falcão a sobrevoá-los.

Era um regresso a casa, pois haviam vivido cinco anos na quinta. Brannaugh encontrou-a organizada, como sempre, com novos anexos e um novo cercado onde cavalos jovens dançavam.

Viu um menino de cabelos claros abraçado a *Kathel* e percebeu, quando este lhe sorriu, que se tratava de Lughaidh, o mais novo e último dos filhos da prima.

Ailish aproximou-se rapidamente da carroça. Tinha engordado um pouco e os seus cabelos louros apresentavam já alguns fios cinzentos.

— Brannaugh! Oh, olhem para a nossa Brannaugh! Seamus, vem ajudar a tua prima a descer da carroça.

— Não é preciso. — Brannaugh desceu sozinha e abraçou-se à prima. — Oh, como estou feliz por voltar a ver-te!

— E eu, por te ver! Oh... bela, como sempre. Tão parecida com a tua mãe. E aqui está o nosso Eamon, tão bonito. Os meus três primos voltaram, como prometido. Mandei os gémeos chamar Bardan, que está no campo, e tu, Seamus, vai dizer a Mabh que os primos chegaram. — De olhos lacrimejantes, abraçou-se novamente a Brannaugh. — Mabh e o marido têm a sua própria casa, mesmo aqui em frente.

Ela está prestes a dar à luz o primeiro filho. Vou ser avó! Oh, não consigo parar de tagarelar. É Eoghan, certo? E o marido de Teagan, Gealbhan. Bem-vindos, sejam todos bem-vindos. Mas onde estão os teus filhos?

— A dormir na carroça.

Ailish foi buscá-los e empanturrou-os com os bolinhos de mel que Eamon recordava com tanto carinho. Depois Conall, que não passava de um bebé a última vez que Brannaugh o havia visto, levou-os para verem uma nova ninhada de cachorrinhos.

— Eles ficam bem, dou-te a minha palavra — disse Ailish enquanto servia o chá. — Conall é um bom rapaz... que ajudaste a vir ao mundo. Vamos deixar os homens tratarem dos cavalos e do resto, para vocês as duas poderem descansar um pouco.

— Graças a Deus. — Brannaugh bebericou o chá e deixou que este e o fogo a aquecessem, a acalmassem. — Estou sentada numa cadeira que não se mexe.

— Come. Tens outra vida dentro de ti que também precisa de comida.

— Passo o dia, e metade da noite, esfomeada. Teagan não sente tanta fome... ainda. Mas lá chegará.

— Oh, estás grávida? — Com o rosto iluminado de alegria, Ailish deixou o chá e pousou as mãos sobre o seu coração. — A minha querida Teagan vai ser mãe. Como os anos passam! Tu não passavas de uma bebé. Ficas? Ficas até chegar a tua hora? — perguntou ela a Brannaugh. — Mayo ainda é longe e falta pouco para dares à luz. Consigo ver que falta pouco.

— Só um ou dois dias e dou graças por isso. O bebé nascerá em Mayo. Está destinado. Assim tem de ser.

— Tem de ser? — Ailish agarrou na mão de Brannaugh

e depois na de Teagan. — Tem de ser? Vocês cresceram em Clare. São mulheres, mães. Têm mesmo de voltar para a escuridão que vos aguarda?

— Somos mulheres, mães e mais. Não podemos virar as costas a nada disso. Mas não te aflijas, prima. Não te preocupes. Temos o dia de hoje, com chá, bolinhos e família.

— Voltaremos. — Quando olharam para ela, Teagan levou uma mão ao coração. — Sinto-o com muita convicção. Voltaremos. Acredita nisso. Acredita em nós. Penso que a fé só nos torna mais fortes.

— Se assim é, terão toda a minha fé.

Tiveram música, jantar e família. E um dia e uma noite de paz. Ainda assim, Brannaugh sentia-se apreensiva. Embora o seu marido dormisse na cama que Ailish lhes havia providenciado, ela continuava sentada à lareira.

Ailish entrou, envergando a sua camisa de noite e um xai-le grosso.

— Estás a precisar daquele chá que sempre me preparavas quando eu estava prestes a dar à luz e sentia o bebé tão pesado que não conseguia dormir.

— Eu procuro-a no fogo e no fumo — murmurou Brannaugh. — Não consigo evitar. Sinto tanto a falta dela... mais, à medida que nos aproximamos de casa. Sinto a falta do meu pai; é um aperto no peito. Mas a falta que sinto da minha mãe é uma tristeza sem fim.

— Eu sei. — Ailish sentou-se ao lado dela. — Ela aparece-te?

— Em sonhos. Mas apenas por momentos. Anseio ouvir a sua voz, que me diga que estou a proceder bem. Que estou a fazer o que ela desejava que eu fizesse.

— Oh, meu amor, e estás. Estás. Lembras-te do dia em que nos deixaste?



— Sim. Magoei-vos quando vos deixei.

— A separação é sempre dolorosa, mas acabei por perceber que era o que tinha de ser feito... Antes de partires, falaste-me de Lughaidh, o bebé que eu trazia no ventre. Disseste que teria de ser o último, pois nem eu nem nenhum outro bebé sobreviveríamos a outro parto. E deste-me uma poção para beber a cada lua, até acabar o frasco, para que não tivesse mais filhos. Isso magoou-me.

— Eu sei. — E entendia-o ainda melhor agora que tinha os seus próprios filhos. — Tu és uma mãe extraordinária e foste uma mãe para mim.

— Eu não teria vivido para ver os meus filhos crescerem, para ver a minha filha mais velha ter o seu próprio filho. Para ver, como me disseste, Lughaidh, tão alegre e doce, com a sua voz de anjo. — Anuindo com a cabeça, Ailish contemplou o fogo, como se estivesse a rever aquele dia no fumo e nas chamas. — Lançaste um feitiço de proteção sobre mim e os meus, deste-me os anos que eu poderia não ter tido. Tu és como ela desejaria. Embora sofra com o facto de teres de te ir embora, de teres de enfrentar Cabhan, sei que é esse o teu dever. Nunca duvides que ela sente orgulho em ti. Nunca duvides, Brannaugh.

— As tuas palavras confortam-me, Ailish.

— Terei fé, como pediu Teagan. Todas as noites, acenderei uma vela. Acendê-la-ei com a pouca magia que possuo, para que brilhe por ti, por Teagan, por Eamon.

— Sei que receias o poder.

— É também o meu sangue. És minha, como eras dela. Farei isto todos os pores do Sol e nessa pequena luz depositarei toda a minha fé. Podes estar certa de que arderá por ti e pelos teus. Não duvides disto e ficarás em segurança.

— Nós voltaremos. Terei fé nisso. Voltaremos e seguraremos nos braços a criança que carrego agora dentro de mim.